Dia 10 — São Nicolau de Tolentino, Confessor

Martirológio Romano

A morte gloriosa de São Nicolau, confessor, da Ordem dos ermitãos de Santo Agostinho, em Tolentino, na marca de Ancona. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

O martírio dos santos bispos Nemesiano, Félix, Lúcio e outro Félix, Liteu, Poliano, Vítor, Jáder, Dativo e outros, na África; os quais, na raivosa perseguição que se levantou contra os Cristãos no tempo de Valeriano e Galieno, havendo confessado constantemente Jesus Cristo, foram cruelmente espancados e depois, atados com cadeias, os condenaram às minas, e ali acabaram a carreira de sua gloriosa confissão.

Os santos Sóstenes e Vítor, mártires, em Calcedônia; os quais, na perseguição de Diocleciano, no tempo de Prisco, procônsul da Ásia, depois de haverem sido presos e expostos às feras, foram condenados a ser queimados e, saudando-se um ao outro, dando-se ósculo de paz, postos em oração entregaram seu espírito.

As santas virgens Menodora, Metrodora e Ninfodora, irmãs, na Bitínia; as quais, no tempo do imperador Maximiano e do presidente Frontão, coroadas com o martírio, voaram juntas à glória.

Os santos mártires Apélio, Lucas e Clemente, no mesmo dia.

São Teodardo, bispo e mártir, em Liège, nos Países Baixos; o qual deu a vida por suas ovelhas e, depois da morte, resplandeceu em milagres.

São Hilário, papa e confessor, em Roma. (Veja-se uma notícia de sua vida entre as de hoje.)

São Pedro, bispo, em Compostela, esclarecido por suas grandes virtudes e milagres. (Parece que floresceu no século X e foi bispo de Santiago da Galícia; segundo Barônio, foi esclarecido por suas grandes virtudes e milagres. Nada mais consta deste Santo.)

São Sálvio, bispo e confessor, em Albi, na França. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

Santo Agábio, bispo, em Novara. (Muitas vezes, enquanto celebrava o santo sacrifício da missa, viu-se sobre sua cabeça um Anjo rodeado de raios, em atitude de afastar do Santo os pensamentos

que pudessem distraí-lo. Sua vida foi a de um anjo em carne e foi ilustre em grandes milagres.)

Santa Pulquéria, imperatriz, virgem esclarecida por sua religião e por sua piedade, em Constantinopla. (Veja-se sua notícia entre as de hoje.)

São Nicolau de Tolentino, Confessor

São Nicolau, chamado de Tolentino pela cidade onde fez mais longa residência e em que deu fim a sua santa vida, nasceu no povoado de Santo Ângelo, perto de Fermo, cidade da marca de Ancona. Saiu à luz do mundo pelos anos 1239, de pais honrados e de mediana condição; pouco favorecidos dos bens de fortuna, mas assinalados por sua vida exemplar e ricos de cristãs virtudes. Não haviam tido filhos; e sua mãe, por nome Amada, achava-se já em idade que não lhe prometia sucessão. Rezando um dia suas devoções, sentiu-se interiormente movida a ir em peregrinação a São Nicolau, bispo de Mira, esperando conseguir por sua intercessão um filho que fosse fiel imitador de suas virtudes e, a seu exemplo, um grande Santo na Igreja do Senhor. Comunicou seu pensamento a seu marido, chamado Companhão, e ambos, de comum acordo, resolveram fazer juntos aquela devota romaria. Havendo chegado a Bari, passaram imediatamente a fazer oração à igreja de São Nicolau e, fatigados do caminho, ficaram adormecidos na mesma igreja. Apareceu-lhes em sonhos o Santo vestido de pontifical; e lhes assegurou que teriam um filho, a quem imporiam seu mesmo nome, que se faria célebre pela pureza de seus costumes e pela santidade de sua vida.

Muito logo o efeito verificou a visão. Nove meses depois, Amada deu à luz um filho, a quem no batismo se pôs o nome de Nicolau, e desde então foi todo o objeto de sua ternura e de seus desvelos aquele filho de suas orações. Já parecia que o merecia bem o mesmo menino Nicolau desde os arrulhos do berço, por seu apacível natural e por sua inclinação à virtude, que se deixou notar desde o mesmo nascimento.

Ao passo que ia crescendo em idade, ia também adiantando em cordura, sendo a oração o único exercício que o divertia. Não era mister mais para alegrá-lo que dizer-lhe que o levariam à igreja; e, como tinha continuamente à vista os exemplos de virtude que lhe davam em tudo seus virtuosos pais e não ouvia deles outra coisa que lições e máximas de religiosa piedade, fez em tão boa escola progressos muito superiores ao curto número de seus anos. Havendo ouvido dizer que São Nicolau, sendo ainda muito menino, jejuava três vezes na semana, quis ele fazer o mesmo, e desde os sete anos de sua idade até sua morte observou invioladamente este santo costume. Sua compostura no templo e sua terna devoção, sobretudo à santíssima Virgem, fez-se admirar desde logo. Quando ouvia missa, parecia a todos estar vendo um Anjo ao pé dos altares. Ao elevar-se a sagrada hóstia, era tal a inflamação do semblante, seu respeito, sua devoção e suas lágrimas que todos os circunstantes se persuadiam de estar vendo com os olhos corporais a Jesus Cristo na divina Eucaristia.

Mas o que singularmente se deixava observar com muita admiração era seu particular amor à pureza. No meio de sua terna idade, não só fugia dos carinhos, mas até da vista das mulheres. Passava em oração horas inteiras com tanta intensão e aplicação como poderiam as pessoas mais exercitadas na vida espiritual. Sua fome de ouvir a palavra de Deus era verdadeiramente assombrosa; escutava-a com toda a modéstia e com todo o recolhimento dos homens mais maduros. Desde sua infância olhou os pobres com particular ternura: levava-os ele mesmo à casa de seus pais e repartia com eles a comida que lhe davam.

Tinha excelente engenho e em breve tempo fez maravilhosos progressos no estudo; mas o estudo nunca lhe serviu de ocasião ou de pretexto para afrouxar nem para interromper seus exercícios de virtude nem seu fervor. Tantas belas prendas lhe mereceram um canonicato na igreja de São Salvador do Burgo de Santo Ângelo; eleição com que, ao que parece, se podia dar por satisfeita a inclinação ao estado eclesiástico, aos ofícios divinos e a todos os atos de virtude que havia manifestado sempre desde o berço; mas, como a prebenda o fixava no século, não se pôde resolver a conservá-la. Achava especial atrativo no retiro e pareceu-lhe que não devia abraçar outro partido que o estado religioso. Andava deliberando sobre a eleição entre tantos diferentes Institutos quando ouviu um sermão sobre o menosprezo do mundo que pregou um religioso da Ordem dos ermitãos de Santo Agostinho. Ficou tão edificado do zelo do pregador como convencido da verdade do assunto; e, mal desceu do púlpito o bom religioso, o jovem cônego chegou-se a ele, descobriu-lhe seu coração, manifestou-lhe seus intentos e rogou-lhe que lhe facilitasse ser recebido em sua sagrada religião. Facilmente reconheceu o Padre que o espírito de Deus andava naquela generosa resolução e que uma vocação tão assinalada não necessitava de mais provas. Dali mesmo o levou a que se despedisse de seus pais, os quais, cheios de religião e de piedade, não deram ouvidos nem às vozes do interesse nem aos gritos da carne e do sangue, e consentiram com gosto no partido que seu filho ia abraçar. Imediatamente dirigiram-se ao convento, e Nicolau foi recebido entre os noviços, onde muito desde logo se deixaram admirar de todos sua devoção, sua mortificação e seu fervor.

Ainda o noviço não tinha doze anos completos e já o propunham por modelo aos mais antigos da casa. Convinham todos em que haviam recebido mais a um anjo que a um homem; e achou-se nele tanta inocência, tanto juízo e tantas virtudes que, ainda que lhe faltava a idade necessária para fazer a profissão, pediu-se e conseguiu-se dispensa para que a fizesse. Empenhado já com tão solene obrigação, o terno religioso persuadiu-se de que não devia pôr limites a seu fervor e a seu zelo. Nunca se viu humildade mais sincera nem mais profunda que a de nosso Santo. Considerava como superior seu o mais mínimo religioso do convento; nenhum ofício lhe parecia bastante humilde nem penoso; e era dito comum na comunidade que, para aliviar Fr. Nicolau de seus laboriosos exercícios e para dar-lhe um gosto verdadeiramente requintado, não havia meio mais eficaz que dispor-lhe alguma humilhação não prevenida.

Seu candor e sua pureza conservaram-se sempre num eminente grau de perfeição. Nunca se murchou em sua alma esta delicada virtude, e todos estavam tão persuadidos de que ela era seu verdadeiro caráter que, depois de morto, resolveram pintá-lo sempre com um lírio na mão. Era sua grande mortificação como o alimento ordinário com que sustentava sua virgindade. Ao jejum de quarta, sexta e sábado, que observava muito rigorosamente todas as semanas, acrescentou depois o da segunda-feira. Proibiu-se para sempre o uso da carne e, desde a idade de quinze anos, foi

nosso Santo um prodígio de mortificação e de penitência. Trazia continuamente rente às carnes um áspero cilício semeado de agudas pontas de ferro que lhe rodeava toda a cintura; e, como se não bastassem estas inocentes crueldades para saciar o ardente desejo que tinha de macerar sua carne, despedaçava todos os dias seu delicado corpo com cruéis disciplinas de ferro.

Vendo-o tão extenuado um parente seu, superior de um mosteiro de certa Ordem mitigada, fez quanto pôde para persuadi-lo de que mudasse de religião e passasse a seu convento. Sobressaltou-se ao ouvir semelhante proposição e respondeu-lhe que não havia entrado religioso para viver com regalo; e que, havendo-o chamado Deus à religião que professava, esperava com sua graça viver e morrer nela. Mas, depois desta conversação, teve uma visão dos anjos que o consolou maravilhosamente, e nela lhe deu a entender o Senhor quanto lhe havia agradado tão generosa perseverança.

Considerando os superiores o muito bem que resultaria à Religião de seus grandes exemplos, determinaram mudá-lo com frequência de um convento a outro para que toda a Ordem participasse deles. Enviaram-no primeiro a Recanati, perto de Nossa Senhora de Loreto; pouco depois a Macerata; depois a São Genésio; dali a Cingoli; de Cingoli ao deserto de Valmanente, perto de Pésaro; e, enfim, a outros muitos conventos da religião, até que finalmente fixaram sua residência em Tolentino, cidade episcopal na marca de Ancona. Quando estava em Cingoli, foi ordenado sacerdote pelo bispo de Osimo.

Não parecia possível que sua virtude admitisse incremento, segundo era perfeita. Com tudo isso, o sacerdócio mostrou bem o muito que pode a graça do Sacramento numa alma bem disposta. Sendo já tão santo o novo sacerdote, logo que se deixou ver no altar, sua virtude recebeu novo esplendor e seu fervor novo acendimento. Sempre o encontravam anjo; mas no altar era um serafim. O fogo divino que abrasava seu coração saía-lhe aos olhos com as doces lágrimas que derramava e manifestava-se no semblante pelos ardores que o acendiam. Concorria o povo a ouvir a missa do Santo, considerando-a como especial sacrifício de propiciação por todos os assistentes; experimentavam sensivelmente seus afetos, e comunicava-se sua particular virtude às almas encarceradas no purgatório.

Trinta anos residiu no convento de Tolentino, e por todo este espaço de tempo o ardente zelo que tinha pela salvação das almas fez maravilhoso fruto. Pregava quase todos os dias, e todos os dias seus sermões se assinalavam por alguma ruidosa conversão. Já ensinasse publicamente ao povo a doutrina, já instruísse privadamente na conversação, tanto no púlpito como no confessionário, em todas as partes se achava nele um apóstolo. Todo o tempo que lhe ficava livre destes sagrados ministérios o empregava na oração e na contemplação das coisas celestiais; e nestas íntimas comunicações com Deus parecia que gozava já sua alma as delícias da bem-aventurança.

Provou Deus largo tempo sua paciência com frequentes enfermidades, que jamais alteraram a serenidade, doçura e apacibilidade que lhe ganhava os corações. Nunca estava mais intimamente unido com Deus que nestas prolixas enfermidades; nunca mais fervoroso o espírito que quando mais debilitado o corpo. O remédio mais soberano para todos os seus males era a meditação da paixão do Salvador; não afrouxou um ponto em sua abstinência durante todo aquele tempo. Reduzido um dia à extremidade, mandaram-lhe os superiores, com preceito de santa obediência,

comer carne por conselho dos médicos; foi-lhe preciso obedecer depois de haver representado, suplicado e instado inutilmente; tomou um só sorvo de caldo, parecendo-lhe bastante para cumprir com a obediência; mas apertou tanto os superiores para que lhe permitissem não fazer novidade em suas acostumadas mortificações que o deixaram viver e morrer na grande abstinência que havia professado.

Muitas vezes, mas sempre sem fruto, havia trabalhado até então o demônio em turbar a tranquilidade de seu espírito, já com visões espantosas, já com violentos estremecimentos do lugar onde estava fazendo oração, já também com cruéis golpes que pareciam haver de acabá-lo e já enfim com outros cem artifícios. Como nada disto lhe saiu como desejava, fez novos esforços para enredá-lo em seus laços, armando-lhe um que tinha um semblante muito especioso. Sugeriu-lhe malignamente com a maior viveza que todo o teor de sua vida era efeito de certa secreta vaidade e que aquela porfiada abstinência de carne, de leite e de peixe que usava toda a comunidade era em suma uma singularidade orgulhosa. Sobressaltou estranhamente nosso Santo este vivíssimo temor; mas, havendo-lhe aparecido Jesus Cristo, assegurou-o inteiramente, descobrindo-lhe os enredos do inimigo comum. Ensinado assim, e como aguerrido e acostumado, Nicolau aumentou as penitências em sua mesma velhice, misturando com a amargura do acíbar o pão e as ervas a que se reduzia todo o seu alimento.

Achando-se extraordinariamente debilitado numa grave enfermidade, creu que era já chegada sua última hora e de repente sentiu-se inteiramente conturbado e estremecido com o temor dos espantosos juízos de Deus. Era sempre seu grande e acostumado recurso à Mãe do mesmo Deus; e, aparecendo-lhe esta Senhora, sossegou inteiramente seu ânimo, deixando-o numa doce paz que daí em diante jamais sofreu a mais mínima alteração. Diz-se que a mesma Mãe de misericórdia lhe mandou que fizesse trazer uns bocados de pão, os quais bendisse a Senhora, e, comendo-os Nicolau, ficou perfeitamente são; e em memória desta maravilha todos os anos se benzem no dia de sua festa nas igrejas de sua Ordem os pãezinhos que chamam de São Nicolau, com certas orações aprovadas pelo papa Eugênio IV, comunicando Deus a estes pãezinhos benditos maravilhosa virtude contra todo gênero de enfermidades. Refere-se um prodigioso número de milagres que obrava o Senhor todos os dias para acreditar e autorizar sua caridade. Pedindo um dia esmola pela cidade, uma pobre mulher lhe deu um só pão que tinha, assegurando-lhe ingenuamente que não lhe ficava nem mais pão, nem mais trigo, nem mais farinha. Movido o Santo de tão heroica caridade, rogou ao Senhor que lha premiasse largamente. Foi ouvida sua oração; porque, voltando à sua casa aquela boa mulher, encontrou nela tanta quantidade de farinha que teve com que manter por largo tempo sua família.

Querendo, enfim, o Senhor premiar a inocência, a devoção e a penitência de seu fervoroso servo, favoreceu-o com a vista e com a música harmoniosa dos Anjos nos seis últimos meses de sua vida. Apareceram-lhe muitas vezes a santíssima Virgem e Santo Agostinho, dando-lhe a gostar com antecipação as doçuras celestiais durante os derradeiros dias que esteve vivo na terra. Enfim, havendo recebido com novo e extraordinário fervor os santos Sacramentos, rendeu sua inocente alma ao Criador no dia 10 de setembro do ano 1309, aos setenta de sua idade.

Seu corpo foi enterrado na mesma capela onde costumava celebrar o santo sacrifício da missa, e desde logo seu sepulcro se fez glorioso pelos milagres que obrou Deus por sua intercessão.

Canonizou-o o papa Eugênio IV no ano de 1446. Certo religioso alemão, movido de indiscreto amor a seu país, abriu de noite a caixa onde estava o santo corpo e, furtando os dois braços, escapou para a Alemanha. Caminhou, a seu parecer, aceleradamente toda a noite; mas, vindo a manhã, ficou assombrado quando se achou à porta de seu mesmo convento. Esta maravilha o obrigou a confessar o piedoso furto, o que foi causa para que se guardasse aquele precioso tesouro numa arca forte de três chaves, das quais tem uma o convento, outra o magistrado da cidade e a terceira a ilustre casa Maurícia.

Santa Pulquéria, Virgem e Imperatriz

Esta incomparável Princesa foi filha de Arcádio, imperador do Oriente, e de sua mulher Eudóxia, e neta de Teodósio, o Grande: nasceu em Constantinopla no ano de 399. Não tinha mais que cinco anos quando perdeu sua mãe e nove quando ficou sem pai; mas, por sua prudência e piedade, foi milagre do mundo desde sua mesma infância. A 4 de julho do ano de 414, ainda que de somente quinze anos de idade, foi declarada, em nome de seu irmão menor Teodósio, Augusta e companheira com ele no império e encarregada do cuidado de sua instrução, ainda que não contava senão dois anos menos que ela. Também tomou a seu cargo o cuidado da educação das outras duas irmãs, Arcádia e Marina, que eram menores que ela, as quais até o fim de seus dias foram fiéis imitadoras de sua amada irmã e mestra. Sua prudência, capacidade e talento, em que excedia a qualquer de sua mesma idade, supriam a falta de experiência.

Movida do desejo de maior virtude, e não levada de miras políticas, aos quinze anos de sua idade fez voto público de virgindade e induziu suas irmãs a que fizessem o mesmo. Em todas as suas ocupações estas tinham parte, à exceção das que olhavam diretamente ao Estado: comiam juntas, uniam-se em todos os atos de devoção e caridade e nos lavores manuais a que se dedicavam. Ausentava-se Pulquéria unicamente quando o requeriam os negócios do Estado e achava seu retiro e solidão em seu próprio palácio. As austeridades penitenciais que praticava eram tais que mais pareciam de uma mulher reclusa que de quem vivia em meio a uma corte. Aos homens estava proibida a entrada à sua habitação particular e às de suas irmãs, e jamais falou a homem algum em outro sítio que em público. Em suma, o palácio imperial em seu tempo veio a ser um mosteiro regulado. Em todos os sucessos consultava o céu por meio da oração e depois escutava o conselho de seus ministros antes de tomar nenhuma resolução em matérias de alguma importância. O Conselho imperial compunha-se então dos homens mais sábios, mais virtuosos e mais experimentados do império; e, com tudo, em suas deliberações todos reconheciam a superioridade da penetração e juízo daquela Princesa. Estava muito versada nas línguas sábias, em história e em literatura, e protegeu decididamente as ciências e as artes necessárias e úteis. Longe de fazer que a Religião servisse à política, todas as suas miras se regulavam por aquela, com o que fez completa a prosperidade de seu governo. A virtude jamais reinou com mais lustre no império oriental; o Estado nunca esteve mais florescente nem próspero, nem mais respeitado até dos mesmos bárbaros, que quando estiveram nas mãos de Pulquéria as rédeas de seu governo.

Seu irmão Teodósio casou, por ditame de Pulquéria, com Atenaida, cujo nome converteu no de Eudóxia em seu batismo. Este casamento não fez alteração alguma no governo, ficando sempre confiada a Pulquéria a administração principal, até que o eunuco Crisáfio, grande favorito do Imperador, preocupou Eudóxia contra ela, desde cujo tempo começou a ser perseguida. Infatigáveis Crisáfio e Eudóxia em arruinar o crédito de Pulquéria, conseguiram por fim do Imperador que enviasse ordem a São Flaviano, bispo de Constantinopla, para que a fizesse diaconisa de sua igreja. O bom Prelado combateu esta disposição; mas, vendo empenhado nisso o indolente Príncipe, avisou secretamente a Pulquéria, a qual, entendendo que já era difícil contrastar a ira de seus inimigos, retirou-se a uma casa de campo com a intenção de passar ali em silêncio o restante de seus dias.

As consequências de sua retirada foram as mais lamentáveis para o Imperador, para o Estado e para a Igreja; porque o Eunuco e a Imperatriz, por um espírito de vingança contra São Flaviano, patrocinaram o heresiarca Êutiques, a quem aquele Prelado havia condenado, e sustentaram Dióscoro e outros eutiquianos nos furiosos atos de violência do sínodo predatório de Éfeso no ano de 449. A Teodósio mesmo persuadiram a que publicasse um edito declarando a aprovação de todos estes procedimentos e do segundo concílio de Éfeso, como ele chamava à violenta assembleia de Dióscoro e dos demais hereges, por comum conhecida com o nome de sínodo predatório, ou de ladrões.

Pulquéria olhou seu retiro como um grande favor do céu, e nele consagrava a Deus todo o seu tempo em oração, contemplação e exercícios de boas obras. Jamais se queixou da ingratidão de seu irmão, da Imperatriz que lhe devia tudo a ela nem de seus injustos ministros; de maneira que nada a houvera podido tirar de sua doce solidão senão o risco que ameaçava a Igreja e o Estado e a compaixão de seu irmão, de cuja credulidade estavam abusando tanto. Vendo, pois, elevada até o mais alto a impiedade e a malícia, instada vivamente pelo papa Leão por meio de suas cartas a que fosse animosamente à corte e procurasse audiência do Imperador, fê-lo assim e, havendo sido admitida, falou em tais termos àquele Príncipe que no momento mesmo abriu os olhos, viu o precipício em que o haviam posto, desgraçou Crisáfio, desterrou-o a uma ilha e mandou que nela lhe tirassem a vida. Desta sorte, pois, o Imperador desaprovou seus erros pouco antes de sua morte, que aconteceu a 29 de julho do ano de 450. Sua viúva Eudóxia retirou-se à Palestina, onde acabou seus dias.

Santa Pulquéria, por morte de seu irmão, ficou senhora do império oriental. Para fortalecer sua autoridade buscou um companheiro no império, que era um excelente general, estadista muito sábio e zeloso católico, sumamente virtuoso: chamava-se Marciano e era natural do Ilírico e viúvo. Pulquéria, julgando conveniente exaltar o crédito e a autoridade de Marciano, propôs-lhe que se casasse com ela, contanto que havia de preservar com plena liberdade seu voto de virgindade. Marciano abraçou gostoso a proposição, e estas duas grandes almas governaram juntas como dois irmãos que em tudo tinham iguais miras e sentimentos. Receberam favoravelmente quatro legados enviados por São Leão, o Grande, a Constantinopla, e o zelo deles pela fé católica mereceu do Papa os mais altos elogios, assim como do concílio geral Calcedonense, que, sob a proteção daqueles Príncipes, condenou a heresia eutiquiana no ano de 451.

Esta grande Imperatriz erigiu muitas igrejas e, entre outras, três em honra da Virgem Maria. Nesta última colocou uma famosa pintura da Virgem, que a imperatriz Eudóxia lhe havia enviado de Jerusalém como obra de São Lucas Evangelista. Os historiadores nos asseguram que seriam necessários volumes para formar o catálogo de todas as igrejas e mosteiros, e especialmente hospitais, que fundou Pulquéria e que dotou ricamente. Depois de despachar os negócios públicos dedicava-se à oração e às visitas do pobre e do enfermo. Sozomeno diz que foi amoestada por várias visões para que procurasse a trasladação de uma parte considerável das relíquias dos Quarenta mártires, que depositou ela com efeito numa rica urna. À sua morte deixou aos pobres por seu testamento todos os seus bens. Se se consideram todas as suas ações grandes e heroicas virtudes, vê-se que todos os encômios que fizeram dela São Proclo em seu panegírico, São Leão e o concílio Calcedonense tão longe estavam de ser cumprimentos nem brilhos de eloquência que ficaram muito curtos com respeito a seu mérito extraordinário, que não pode suficientemente celebrar-se com palavras. Pouco antes de sua morte havia já acabado a nave da igreja de São Lourenço, dentro de seu próprio palácio, que foi uma das de mais pasmosa arquitetura.

Passou da coroa temporal à eterna em tal dia como hoje do ano de 453, de sessenta e oito anos e alguns meses de idade. Tanto gregos como latinos celebram sua festividade como de Santa virgem. O sábio papa Bento XIV manifestou uma veneração singular a sua memória.

São Sálvio, Bispo e Confessor

São Sálvio, bispo de Albi, foi natural do Languedoc e de berço ilustre. Em sua juventude dedicou-se à carreira do foro e desempenhou as primeiras magistraturas da província. Mas, desgostoso do mundo, abraçou o estado monástico e deu tais exemplos de acendrada piedade que seus irmãos o nomearam abade. Não obstante sua dignidade, vivia de ordinário numa pobre e reduzida cela distante de todas as demais. Ali, assaltado de uma violenta febre, ficou como morto já em opinião de muitos. E na verdade o Santo mesmo viveu na persuasão de que havia estado morto em realidade e que havia sido restituído milagrosamente à vida. Havendo ficado vaga a sede de Albi, foi colocado nela o santo monge, cuja nova dignidade não lhe impediu viver com a mesma austeridade que sempre. Mas, quando o patrício Mômolo fez um número considerável de prisioneiros em Albi, o santo Bispo os seguiu e os resgatou a todos. Em ocasião em que uma peste horrível dizimava suas ovelhas, Sálvio estava em todas as partes, a todos assistia em pessoa, os consolava e preparava-se ele mesmo para a eternidade com o exercício destas boas obras. Com efeito, acometeu-o também a contagiosa enfermidade e, conhecendo já que chegava sua última hora, mandou que lhe fizessem seu ataúde, mudou de vestiduras e preparou-se com o fervor mais edificante a comparecer perante Deus, morrendo santamente no dia 10 de setembro do ano de 532.

São Hilário, Papa e Confessor

Nasceu na ilha da Sardenha e dedicou-se aos estudos eclesiásticos desde sua temprana idade. Sendo já diácono da igreja de Roma, prestou importantíssimos serviços à Religião, pelos quais, e por sua eminente virtude geralmente reconhecida, foi julgado digno sucessor de São Leão, o Grande, e consagrado Sumo Pontífice no dia 12 de novembro do ano 461. O júbilo com que foi recebida em toda a cristandade a notícia da elevação de São Hilário à sede de São Pedro provou de um modo indubitável que era merecedor daquela dignidade. E com efeito, o zelo que desdobrou em favor da Religião e os desvelos incessantes com que procurou que se observasse a disciplina eclesiástica repararam em certa maneira a perda sensível que a Igreja havia sofrido com a morte do papa São Leão. Entre outras muitas das disposições notáveis de seu pontificado é de notar a proibição de que nenhum bispo elegesse a seu sucessor e a estrita observância do cânon do concílio de Niceia contra as trasladações dos bispos de uma a outra sede. Morreu São Hilário no dia 21 de fevereiro do ano 468 com a morte dos Santos, depois de haver anatematizado os heresiarcas Êutiques e Nestório, confirmado os concílios gerais de Niceia, Éfeso e Calcedônia e celebrado outro concílio em Roma no ano 465.

Missa (oração)

A missa é em honra de São Nicolau, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Adesto, Domine, supplicationibus nostris, quas in beati Nicolai, confessoris tui, solemnitate deferimus; ut, qui nostræ justitiæ fiduciam non habemus, ejus qui tibi placuit precibus adjuvemur. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ouvi, Senhor, benignamente as humildes súplicas que vos fazemos na solenidade de vosso bem-aventurado confessor São Nicolau, para que, não confiando em nossa justiça, sejamos assistidos pelos merecimentos daquele que teve a dita de vos agradar. Por Nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 4 da primeira do apóstolo São Paulo aos Coríntios.

1 Coríntios 4,9-14

> **Latim:** 9 Puto enim quod Deus nos Apostolos novissimos ostendit, tamquam morti destinatos : quia spectaculum facti sumus mundo, et angelis, et

> hominibus. [10] Nos stulti propter Christum, vos autem prudentes in Christo : nos infirmi, vos autem fortes : vos nobiles, nos autem ignobiles. [11] Usque in hanc horam et esurimus, et sitimus, et nudi sumus, et colaphis cædimur, et instabiles sumus, [12] et laboramus operantes manibus nostris : maledicimur, et benedicimus : persecutionem patimur, et sustinemus : [13] blasphemamur, et obsecramus : tamquam purgamenta hujus mundi facti sumus, omnium peripsema usque adhuc. [14] Non ut confundam vos, hæc scribo, sed ut filios meos carissimos moneo.

Português: [9] Porque entendo, que Deos nos tem posto pelos últimos dos aposto- los, como sentenciados á morte: por- que somos feitos espectaculo ao mundo, e aos anjos, e aos homens. [10] Nós nescios por Christo, e vós sabios em Christo: nós fracos, e vós fortes: vós nobres, e nós desprezi- veis. [11] Até esta hora padecemos até fome, e sede, e desnudez, e somos esbofeteados, e não temos morada segura, [12] e trabalhamos obrando por nos- sas proprias mãos: amaldiçõão-nos, e bemdizemos: perseguem-nos, e o soffremos: [13] somos blasfemados, e rogamos: temos chegado a ser como a im- mundicia d'este mundo, como a escoria de todos atégora. [14] Eu não vos escrevo isto, para vos envergonhar, mas amocesto-vos como a filhos meus, que muito amo.

Reflexões

Fomos feitos espetáculo para o mundo, para os Anjos e para os homens. Que espetáculo! Por todas as partes fogueiras acesas, cadafalsos levantados, arroios de sangue que correm aos borbotões, cúmulos de Confessores e Mártires que expiram aos golpes da barbárie e da desumanidade. Oh Deus, que espetáculo! A vista das catacumbas que sustenta o valor dos que prontamente hão de ocupar os lôbregos cárceres: cristãos fugitivos e dispersos, que não se atrevem a juntar-se senão furtivamente e de noite para erigir um altar em honra de Jesus Cristo e que no dia seguinte hão de ir regar com suas lágrimas as cinzas dos Mártires: o furor dos tiranos que cada vez se enardece e irrita mais e mais; todo este espetáculo de horror advertia aos primeiros fiéis que tivessem prontas suas almas em suas mãos e se preparassem para os combates, para os tormentos e para a morte. Isto mesmo é o que pretendia o Apóstolo quando dizia aos coríntios: *Estamos feitos um espetáculo para o mundo, para os Anjos e para os homens*, gloriando-se em seus mesmos ultrajes, perseguições e maus-tratos, até o ponto de chegar a dizer: eu sofro com alegria e complacência nas perseguições que sofro por Jesus Cristo, porque, quando sou débil e fatigado, então me sinto mais forte e mais vitorioso. Que confusão para muitos cristãos de nossos dias! Extinguiram-se os incêndios; os tiranos desapareceram; a perseguição já não embravece entre nós contra os seguidores de Jesus Cristo; mas, ainda que de um modo diferente, somos como o Apóstolo e os primeiros cristãos o espetáculo do mundo, dos Anjos e dos homens, e os desígnios da divina Providência não são outros senão que defendamos a glória de nosso nome e nos santifiquemos por meio dos trabalhos e tribulações. Formidáveis calúnias em uns, cruel perfídia em outros; desumana indiferença nos parentes, vergonhosa ingratidão nos filhos; altanaria nos amos, infidelidade nos criados; inconstância nos amigos e ódio e furor nos inimigos; eis aqui o que se apresenta à nossa

vista a qualquer parte que voltemos os olhos. E há muitos que possam falar como o Apóstolo e dizer que se regozijam nestas adversidades e tribulações que Deus lhes envia? Há muitos que possam dizer com o Apóstolo: *somos maldizidos, e bendizemos; padecemos perseguição, e temos paciência; somos blasfemados, e fazemos súplicas*? Ah, muito ao contrário! Sobrevém uma adversidade? Tudo então nos abate, nos agobia e aflige. Persegue-se-nos? Nutrimos um ódio interminável. Calunia-se-nos? Então não perdoamos meio para tomar uma rigorosa vingança. Um negócio sem logro, uma ligeira enfermidade causam queixas e murmurações sem conta, queixando-nos sempre da severidade do céu ou das perseguições dos homens, como se houvéssemos de ser coroados sem pelejar; como se, para reinar com Jesus Cristo, não fosse preciso padecer com Jesus Cristo. Muito diferente é a instrução que nos dá o Apóstolo e o exemplo que nos deixaram os primeiros cristãos. Eles creram que não podiam corresponder melhor à grandeza de seu nome que padecendo. Padecer por Jesus Cristo era o cúmulo de sua alegria: olhavam o instante de sua morte como o momento de seu triunfo, e os opróbrios que sofriam eram para eles títulos com que se honravam, porque sabiam que os padecimentos desta vida não são de comparar-se com a glória vindoura que se manifestará em nós, como diz o Apóstolo. E, se tanto lhes custou a eles o conseguimento da glória, deveremos pensar que a nós nos há de custar menos? Não. Jesus Cristo era seu modelo, também o é o nosso.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Lucas.

Lucas 12,32-34

> **Latim:** 32 Nolite timere pusillus grex, quia complacuit Patri vestro dare vobis regnum. 33 Vendite quæ possidetis, et date eleemosynam. Facite vobis sacculos, qui non veterascunt, thesaurum non deficientem in cælis : quo fur non appropriat, neque tinea corrumpit. 34 Ubi enim thesaurus vester est, ibi et cor vestrum erit.

Português: 32 Não temais, ó pequenino rebanho, pois que foi do agrado de vosso Pai dar-vos o seu reino. 33 Vendei o que possuis, e dai-o em esmolas. Provei-vos de bolsas, que se não gastão com o tempo, ajun- tai nos ceos hum thesouro, que não acaba: aonde não chega o ladrão, e ao qual não rée a traça. 34 Porque onde está o vosso the- souro, ahi estará tambem o vosso coração.

Meditação

Sobre a incerteza do estado em que nos achamos

Primeiro ponto

Considera que nenhuma coisa nos deve estremecer mais que a incerteza do estado em que se acha atualmente nossa alma e do estado em que se achará por toda a eternidade. Só poderá aquietar-nos e sufocar nossos justos sobressaltos uma fé meio apagada, uma deplorável cegueira. Não sabemos se estamos em graça ou em pecado. Por ajustada que seja nossa vida, por irrepreensível que nos pareça, *nemo scit*: não sabemos se nos conservamos na amizade de Deus ou vivemos em desgraça sua. *Nomen habes quod vivas*, dizia o Anjo ao bispo de Sardes: a aparência é de vivo, mas na realidade estás morto. Ainda que se haja passado a vida no mais horroroso deserto, ainda que se haja envelhecido nos rigores da mais austera penitência, ainda que se hajam feito a Deus os maiores sacrifícios, todavia não se pode assegurar que esteja a alma em sua graça, *nemo scit*. Os Antões, os Paulos, os Hilariões viveram com esta congojosa incerteza; temeram até o mesmo ponto da morte; e uns homens cheios de maldades, uns homens rodeados de escolhos em que periga a inocência, uns homens entregues aos passatempos, uns homens sacrificados à delicadeza e ao regalo vivem muito tranquilos sobre o estado de sua eterna sorte! De boa-fé, em que fundarão esta tranquilidade? E, se o pensamento da eternidade nos estremece, em que consistirá que produza em nós tão pouca emenda? Vive-se com uma triste incerteza da salvação, e todavia se vai adiante com as diversões! E todavia se vive com tibieza! E todavia se passam os dias numa indolência lastimosa! Compreendemos bem este mistério de iniquidade? Tudo nos espanta na hora da morte; a vista só de um Crucifixo, o nome só de Extrema-Unção, o só nome de Viático. A triste incerteza de nosso estado e de nossa sorte é a que nos causa estes cruéis sobressaltos; e passa-se a vida num eterno esquecimento de Deus! E faz-se tudo o que se pode para que sejam mais incertas esta sorte e esta salvação! Pode ser que, à força de não pensar nisso, como o fazem os cristãos frouxos, pode ser que, à força de aturdir-se voluntariamente e de atarantar-se sobre o que está por vir, como o fazem os dissolutos; pode ser que, desviando com todo o cuidado o pensamento de nossa consciência, pode ser que tudo isto conduza para que temamos menos. Mas atrever-nos-emos a dizer seriamente que o cremos assim? *Nemo scit.* Cruel incerteza! E, ainda que estivéssemos em estado de graça, sabemos se perseveraremos? Pois quanta razão temos para trabalhar no negócio de nossa salvação com temor e com tremor, como diz o Apóstolo, sabendo que não há estado, nem virtude, nem santidade que nos possa livrar desta espantosa incerteza! Com tudo isso, passamos os dias da vida em delícias, em delicadezas e em diversões! Compreende, se podes, a iniquidade, e até a irregularidade, desta miserável conduta.

Segundo ponto

Considera que, enquanto estamos nesta vida, todas as coisas conspiram a manter-nos nesta incerteza, neste saudável temor. Os impedimentos exteriores de nossa salvação, as tentações, os exemplos e as ocasiões: os estorvos que nascem de nós mesmos, nossas paixões, nossas inclinações e nossos maus costumes: o segredo impenetrável de nossa perseverança e de nossa predestinação, todos são poderosos motivos para confundir nossa presunção, para vencer nossa covardia e para desprezar nossa delicadeza. Quis Deus deixar-nos toda a vida nesta espantosa incerteza: quis Deus que fosse para nós impenetrável o segredo da predestinação para obrigar-nos a trabalhar incessantemente e com fervor no negócio de nossa salvação.

Mas ah, que com toda esta formidável incerteza, com todos estes motivos de temer e de tremer, nem por isso se deixa de abalançar-se aos perigos, de fazer-se escravos das paixões; nem por isso se deixa de viver abandonados à licença e à dissolução. Pois que seria se se tivesse segurança de nossa sorte? Que seria se se nos revelasse nossa predestinação? Que precauções se tomariam então para livrar-nos do contágio? Que violência se faria para não deixar-se arrebatar da corrente? Que meios se aplicariam para domar as paixões, nem que cuidado se poria em levar uma vida cristã? Haveria então valor para vencer-se? Ajustar-se-ia a vida à regra dos costumes? Que esforços se fariam nesse caso para viver segundo as máximas do Evangelho? «Sei certamente, diria um libertino, que me hei de condenar; pois quero entregar-me a todas as dissoluções.» «Sei certamente, diria um cristão imperfeito e tíbio, que me hei de salvar; pois que necessidade tenho de mortificar-me nem de fazer-me tanta violência? Para que dedicar-me a boas obras? Para que vencer-me em nada? Sei certamente qual há de ser minha sorte; pois em vão resistirei a minhas inclinações nem perderei o tempo em reprimir meus maus costumes.» Oh bom Deus, e que desordens no universo, que dissolução de costumes, que confusão na mesma Religião! Admiremo-nos e adoremos a sabedoria divina na incerteza de nossa sorte; e sirva-nos para trabalhar incessantemente em nossa salvação com temor e com tremor.

Isto é, Senhor, o que vou fazer com a assistência de vossa divina graça. Grandes motivos tenho para temer minha salvação; mas maiores me assistem para esperá-la de vossa infinita misericórdia. Fundado nela, minha confiança igualará pelo menos meu temor.

Jaculatórias

Bem-aventurado o homem que vive sempre temeroso. (Pr 28.)

Ah, Senhor! E quem pode conhecer perfeitamente os pecados que o fazem réu diante de Deus? Purificai minha alma dos pecados ocultos e livrai vosso servo de que, com seu mau exemplo, faça próprios os pecados alheios. (Sl 18.)

Propósitos

1. Nunca te esqueças desta bela lição que nos dá a todos São Paulo, escrevendo aos filipenses: *Irmãos meus, trabalhai em vossa salvação com temor e tremor.* Este foi o fim que teve Deus em querer deixar-nos incertos de nossa sorte. Mas guarda-te muito de dar num excesso de temor que inspira o demônio e sempre degenera em desconfiança e em desesperação. Devemos temer, sim; mas com um temor doce, tranquilo e filial, lembrando-nos continuamente de que a reprovação sempre é obra verdadeira de nossas mãos. Não sabemos se Deus nos perdoou nossos pecados; mas sabemos com toda a certeza que infalivelmente perdoa todos aqueles de que estamos verdadeiramente arrependidos; e é sinal quase seguro de que certamente no-los perdoou quando se muda de vida. A melhor prova deste perdão é a conversão e a perseverança nela. Não obstante a incerteza de se estás ou não em estado de graça, em tua mão está uma moral segurança de que

estás nela, convertendo-te perfeitamente desde este mesmo dia.

2. Para assegurar-te contra esta incerteza é mister, primeiro, que em teu temor fujas generosamente de tudo o que te pode perder e de tudo o que te pode servir de ocasião para pecar. É mister, segundo, resistir valorosamente aos inimigos domésticos de tua salvação; mas com especialidade ao mais formidável de todos, que é a paixão dominante. É mister, terceiro, ter uma grande confiança na bondade e na misericórdia de um Deus que morreu por nós e tem tanto na alma nossa eterna salvação. É mister, finalmente, pedir-lhe todos os dias, e muitas vezes ao dia, com especialidade ao elevar-se a sagrada hóstia, o dom e a graça da perseverança. Põe em prática estes quatro pontos.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:52:24 by Admin
Updated 20 November 2026 20:52:24 by Admin